



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



O que foi feito de tudo o que a gente sonhou? Abertura e Fuga em Linha Reta

Conferência de Abertura

Carlos Roberto Vianna¹

Resumo do trabalho. Este resumo é composto por duas letras de música e um poema que foram alteradas na forma de uma colagem sem referência aos autores originais. Quem cala sobre teu corpo, consente na tua morte, talhada a ferro e fogo, nas profundezas do corte, que a bala riscou no peito. Quem cala consente, eu não me calo, não vou morrer nas mãos de um tira. Quem cala, consente, eu desacato, não vou morrer nas mãos de um rato. Quem cala morre contigo, mais morto que estás agora, não vamos ficar mais neste inferno, nem deixar que nos coloquem num cemitério, vamos ver o incêndio brilhando nos cabelos e vamos sair desse ringue, quem grita vive contigo! Olha o menino fugiu, olha o menino escapuliu! Vê se tem vergonha na cara e ajuda ele, seu canalha! Olha o holofote no olho!!... Ra-ta-ta-ta-ta-ta... Onde está o menino? Está roubando algum supermercado? Assaltando algum banco? Será que ela está atrás da porta de seu quarto, aguardando o momento oportuno para assassiná-lo com os seus entes queridos? ... Ou, apenas, ele está adormecido em sua mente esperando a ocasião propícia para acordar e devorar o seu coração? Ouviremos uma voz humana confessando não um pecado, mas uma infâmia; uma voz que contasse, não uma simples violência, mas uma imensa covardia! Não, são todos o Ideal, não há quem confesse que uma vez foi vil, são todos príncipes, nenhum precisa gritar! Isso não é um resumo, é um prelúdio!

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Educação Matemática; Preconceito; Discriminação; Inclusão.

Ver pelas frestas uma história

Edson Luís de Lima Souto, estudante secundarista, foi assassinado no Rio de Janeiro, aos dezoito anos, por um policial militar. Isso aconteceu no dia 28 de março de 1968 e imagens da época podem ser encontradas com facilidade através de mecanismos de buscas na internet.

Em homenagem a ele Milton Nascimento e Ronaldo Bastos compuseram a música *Menino* e, mais tarde, Milton e Wagner Tiso criaram *Coração de Estudante*. É importante que ouçamos a primeira música tendo em mente alguns acontecimentos recentes, do ano de 2019, em nosso país. Eis a letra com uma diagramação que rompe com a forma-citação:

¹ Universidade Federal do Paraná, carlos_r2v@yahoo.com.br

Menino

Quem cala sobre teu corpo
Consente na tua morte
Talhada a ferro e fogo
Nas profundezas do corte
Que a bala riscou no peito
Quem cala morre contigo
Mais morto que estás agora
Relógio no chão da praça
Batendo, avisando a hora
Que a raiva traçou no tempo.
No incêndio refletindo
Quem grita vive contigo...

Figura 1: Incêndios



Fonte: o autor, montagem a partir de fotos da internet.

Vivam (gritem) ou morram, calem-se ou consintam, há muitos corpos, em muitas formas... Nós estranhamos pequenas coisas como a possibilidade de uma Palestra possuir dois títulos diferentes, estranhamos que um resumo mencione letras de música e

estranhamos ainda mais quando o palestrante inicia sua tarefa nos levando a realizar atividades que estão aparentemente distantes do que esperávamos encontrar. Cabe perguntar: devemos nos adequar a um modo de pensar que nos proporcione a cada vez aquilo que esperamos encontrar?

Nesse texto vou omitir o preâmbulo da Palestra que consistiu na realização de algumas atividades associadas com a ideia de avaliação. Na verdade a plateia foi convidada e induzida a fazer duas vezes a correção de uma prova supostamente resolvida por um aluno. Recolhidos os papéis que traziam as correções feitas evidencio-se que a plateia atribuiu notas entre 10 e 90 para 100 possíveis, enquanto que na segunda avaliação, tendo a informação que a prova teria sido resolvida por uma criança de 10 anos, as notas passaram a variar entre zero e 100. O palestrante sublinhou que desejava destacar que qualquer que fosse o critério de avaliação adotado ele seria completamente subjetivo e que não haveria qualquer tipo de explicação “objetiva” que justificasse a variação de notas entre zero e 100 para a mesma prova corrigida por tantos professores. Entramos então, mais propriamente, no tema da Palestra.

Dominados pela Linguagem

O termo grego *airésis* (que dá origem a *heresia*) designa o *objeto escolhido* ou *o ato de escolher*. Com o tempo, e com a imposição da religião católica aos romanos, a palavra passou a designar aqueles que desejavam escolher em oposição àqueles que aceitavam ser guiados por deus ou pela igreja, por isso a heresia (a escolha), passou a ser considerada um mal.

Lamentavelmente somos humanos e sermos humanos nos obriga a fazer escolhas. Todos se lembram que em dado momento segurei nas minhas mãos um pedaço de papel e a plateia foi unânime ao dizer que se tratava de um quadrado. Sim, um quadrado de papel. Com um movimento simples de girar o meu corpo e mudando a posição do quadrado na minha mão provoquei alguma confusão pois muitos tiveram dificuldade para decidir se o papel na minha mão era um quadrado um um losango. Tanto faz, o papel era o mesmo, apenas havia mudado de posição, mas esse ato simples aparentemente obrigava que decidissem entre quadrado ou losango. A nossa condição, a cada momento, muda o nosso olhar e muda o que vemos. Trago exemplos:

Sou humano e tenho fome: olho para você... Como você interpreta o meu olhar?

Sou humano e tenho paixão: olho para você... O que você acha que vejo?

Sou humano e tenho medo: olho para você...

O nosso olhar altera tudo do que vemos, é interessante observar isso através de uma imagem artística:

Figura 2: Quadro de Rene Magrite usado para ilustrar o olhar da paixão.



Fonte: o autor, foto modificada a partir de registros obtidos em catálogos do pintor disponíveis na internet.

Escolher é o mesmo que discriminar? Vamos nos lembrar de situações comuns, do dia a dia, situações nas quais *naturalmente* discriminamos: Separar feijão, ou separar comida estragada ou da qual não gostamos; Escolher a roupa que vamos usar conforme a ocasião (e quando dizemos que não gostamos de usar determinado tipo de roupas); escolher o caminho que vamos percorrer para ir de um ponto a outro da cidade, e como evitamos determinados lugares, algumas vezes alegando que eles “são perigosos”; ...

Nossas emoções modificam o nosso olhar e o nosso olhar deforma as coisas para as quais olhamos, nosso olhar aumenta ou diminui o tamanho das coisas, nosso olhar determina o que vemos e o que não vemos, determina o que *podemos* ver. Lembrem-se do gesto simples com o qual foram capazes de apagar o palestrante: fechar um dos olhos e colocar o polegar na frente do seu rosto e cobrindo o meu corpo até não mais poderem me visualizar! Sim, nosso olhar é capaz de apagar ou realçar diferenças! E, reparem, nosso olhar é **pura linguagem!**

Voltemos ao herege. Ele é aquele que nega alguma das verdades em que se **deve crer**, e ele nega **apesar de ter sido advertido**, nega apesar de lhe terem mostrado aquilo que ele **deveria escolher**. Nesse contexto o herege é o que não se cala, é o que não consente... Afinal, poderíamos nos aventurar a perguntar: por que é que há algo em que se **deve** crer? Podemos ter crenças diferentes?

Se você ficar quieto e não disser o que pensa, ninguém saberá quais crença você contraria, ninguém saberá em que você acredita... O herege é aquele que professa a sua descrença para aqueles que crêem; é aquele que usa os mesmos pressupostos, mas os interpreta de forma diferente... Por isso, por partilhar pressupostos, o herege é considerado um *traidor*, é um inimigo interno. Historicamente a solução adotada para lidar com os hereges foi a *tortura*. Partia-se do pressuposto que o herege deveria negar o que tivesse falado, ele deveria confessar publicamente os seus erros, os seus desvios da norma aceita pela maioria.

Torturar pode?

Vimos que é parte da história lidar com aqueles que discordam das crenças da maioria através da tortura. Usava-se a tortura para obter confissões e para forçar as pessoas a afirmar coisas contrárias ao que acreditavam. Na história recente do Brasil têm sido lembrados dois personagens cujos nomes estão de alguma forma associados a prática de torturas: Guevara e Ustra.

Vamos olhar para estes personagens lembrando o quanto o nosso jeito de olhar pode determinar aquilo que vemos. Vamos ter em mente estes dois personagens e fazer algumas perguntas, sem dar respostas.

Primeira observação: em geral o comunista representa “o Estado” enquanto que o liberal representa “o indivíduo”. Segunda observação: Guevara e Ustra torturaram pessoas. Em nome de quem agiam? Qual deles representava “o Estado” ?

Quais os pressupostos deles? Quais as escolhas que fizeram? E como você olha para elas? Afinal, é importante responder a essa pergunta: Torturar pode?

Retrocedamos na história. Os antigos gregos matavam deficientes ao nascer. Em tempos do Império Romano matava-se deficientes ao nascer. Era essa a palavra usada, ‘deficientes’ e era isso o que faziam: matavam. Um pequeno comentário paralelo: é falso dizer que os surdos dessas épocas eram mortos ao nascer. A surdez demorava algum tempo para ser percebida e não tenho conhecimento de fontes históricas que apresentem os registros de mortes tardias de surdos por gregos e romanos na antiguidade. Em algum momento alguém afirmou que os surdos eram mortos ao nascer e essa afirmação é repetida em diversos livros sem a indicação de uma fonte confiável.

T4 - Tiergartenstraße 4

Esse era o endereço para no qual eram sistematicamente mortas pessoas com doenças incuráveis. Esse endereço faz parte da História e está associado ao programa do partido nazista na Alemanha **antes** do início da segunda guerra mundial. As mortes eram chamadas de *eutanásia*. Era um programa de Estado, feito com apoio da comunidade médica e jurídica. Vou repetir: isso aconteceu antes do início da guerra e era um programa Oficial, amplamente documentado. A história, em síntese, é a seguinte: em 1939 os pais de uma criança com deformações físicas pediram a Hitler uma permissão para que seu filho fosse morto. Hitler aprovou e criou o "Comitê de Registro de Doenças". Em seguida estabeleceu-se um programa para matar crianças com deficiências graves sem a necessidade do consentimento da família. Ainda em 1939 o governo passou a exigir que médicos e parteiras reportassem todos os casos de recém-nascidos com deficiências graves, o intuito era matar todas as crianças menores de três anos de idade, com qualquer das seguintes doenças: microcefalia, hidrocefalia; qualquer tipo de malformação (especialmente de membros, cabeça e coluna vertebral), paralisia, idiotia e Síndrome de Down (especialmente quando associada à cegueira e surdez).

E os comunistas?

Com o fim da União Soviética abriram-se alguns arquivos, também registros oficiais, revelando a **execução** de aproximadamente 800 mil prisioneiros durante o governo de Stalin. Além desses, há registros de quase 2 milhões de mortes nos Campos de Prisioneiros durante todo o período de governo, incluindo aí os mortos devidos a grandes transferências populacionais. A história nos mostra sem qualquer sombra de dúvida que em vários momentos houve a “autorização para matar”. A questão é: se matar podia, por que não torturar?

Vou-lhes propor novas atividades, agora em forma de dilemas.

Dilema 1: um terrorista foi capturado e ele sabe onde está uma bomba que matará um grande número de pessoas ao explodir. Você acha que o Estado pode torturá-lo para que ele “confesse” em que lugar está a bomba? Estou lhes dando um contexto para que pensem sobre a questão: Torturar pode?

Dilema2: um dos seus três filhos comeu os doces que você guardou. Os três filhos sabem quem foi que comeu, mas nenhum deles quer delatar quem foi. Você acha defensável escolher um deles e torturá-lo para que ele conte quem comeu os doces? Torturar pode?

A Inquisição fazia registros detalhados das torturas pois elas eram “oficiais”, eram permitidas e praticadas por membros da cúpula da Igreja Católica. Isso faz parte do nosso passado. Entretanto, nenhum dos estados modernos autoriza a tortura. O exército não autoriza a tortura! Mas, sabemos, a tortura existe! Em todas as ditaduras e democracias a prática da tortura é feita às escondidas. Os torturadores **sabem** que são criminosos.

O que nos torna humanos?

Temos a mortalidade. Matamos uns aos outros.

Temos a fragilidade. Machucamos uns aos outros.

Temos medo. Escondemo-nos. Fugimos.

Temos Racionalidade. Explicamos, justificamos nossos atos.

Analizamos... Vamos repetir a pergunta: o que nos torna humanos?

Compreendemos que precisamos uns dos outros, vivemos em comunidades. Vivemos JUNTOS. Aprendemos a cuidar daqueles que precisam de cuidados. Não os matamos. Nossa linguagem passa a recortar o mundo e a descrever coisas que projetamos, coisas que estão em um futuro que nenhum de nós viveu, mas que somos capazes de imaginar. Quais as nossas práticas? O que elas dizem de nós? Sobre o que calamos? Com o que consentimos?

Frases do atual presidente:

- "o interesse na Amazônia não é no índio nem na porra da árvore, é no minério".
- “violência se combate com mais violência”
- criminoso “não é ser humano normal”.
- A “polícia brasileira tinha que matar é mais”

Discriminar não é ODIAR

Espero que vocês entendam que estamos aqui fazendo um tipo de terapia com os usos das palavras. Eu os estou conduzindo por um percurso no qual algumas palavras são levadas a extremos nos seus significados. Afinal: *Herege* é bom ou é ruim? *Discriminar* é bom ou é ruim?

O sentido das palavras está, sempre, nos usos que fazemos delas. Mas decidir se os usos são bons ou ruins depende dos nossos *valores*. Podemos discriminar, podemos preferir, podemos escolher...

Indicadores de Preconceito...

Os usos que fazemos da nossa linguagem traem alguns dos nossos preconceitos, veja o exemplo abaixo, que era muito comum na vida acadêmica em um tempo em que se acreditava que a escolha de um reitor podia ser feita democraticamente:

- **Todos podem votar para reitor: alunos, professores e funcionários.**

Refleta: se a palavra ‘*todos*’ estiver sendo usada corretamente, qual a necessidade de enumerar os *casos*? Pista: toda vez que a palavra *todos* for usada, seguida de uma enumeração, ela indica um tipo de discriminação que envolve preconceito. Nesse caso se

trata, em universidades públicas, da distinção entre professores e funcionários, ambos, por exemplo, poderiam ser designados como *servidores públicos*.

Até ... (indicador de preconceito)

Até mulheres podem erguer esse peso.

Até homens choram vendo estas cenas.

Até deficientes intelectuais aprendem com estes materiais.

Até surdos estão concluindo cursos universitários, mestrados e doutorados...

Ações – Políticas Públicas

Vivemos sempre em dilemas, nossa vida é complexa e todas as coisas que fazemos são carregadas de história. Nossa linguagem descreve o mundo e *cria* coisas no mundo. Não existe uma coisa *única* que se chama rocha... pedra... mármore... calcáreo... Não existe uma coisa *única* que possamos descrever como sendo dor ou amor. Mas nós nos esquecemos de como nossa linguagem criou as coisas do mundo, não pensamos nisso... e passamos agir como se estas coisas sempre estivessem aí. Achamos que, de fato, existe um carro que vale 5 mil e outro que vale 500 mil. Achamos que, de fato, existem pessoas que são deficientes e pessoas que não são. Esse é o processo de *naturalização*. Achamos **natural** que no mundo em que vivemos exista um pequeno grupo de pessoas que detém quase toda a riqueza (do município, do estado, do país e do planeta), um pequeno grupo de pessoas que ganha em um mês o que não ganharemos em toda a nossa vida!

Políticas públicas podem ser usadas para combater processos de naturalização considerados perversos. Estas algumas vezes são chamadas de políticas públicas indutivas. Houve um tempo em que se considerava natural esconder as pessoas com deficiência, dizia-se que era para protegê-las da vergonha... Sempre houve discursos racionais para a exclusão: discursos médicos, discursos religiosos, discursos jurídicos, ...

Ainda hoje existem grupos de pessoas que defendem o direito de tomar as decisões “em casa”, “em família”, e essas decisões podem ser na direção de obrigar filhos a cumprir



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



casamentos arranjados, obrigar filhos a seguir uma religião, obrigar filhos surdos a falar, obrigar meninas a usarem saias, obrigar meninos a usarem roupa azul, ...

E existem aquele que defendem que o Estado deve regular estas relações e induzir comportamentos: por exemplo, obrigando as pessoas a serem alfabetizadas até uma certa idade, obrigando as pessoas a matricularem seus filhos em escolas, obrigando escolas e professores a aceitarem alunos “deficientes” em suas salas de aula, obrigando as pessoas a aceitarem a diversidade de religiões, obrigando motoristas a respeitarem limites de velocidade, obrigando que haja um interprete em cada local público em que houver um surdo...

De modo que ao olharmos para a História podemos constatar que houve um esforço contínuo, de um número imenso de pessoas em muitos lugares e em épocas diferentes, para que fosse possível conquistarmos direitos. Sempre é interessante apresentarmos exemplos: a luta pelo direito de todos os homens poderem votar, pois antes só os que tinham propriedades eram eleitores. Depois a luta para que **até** os que não fossem alfabetizados pudessem votar. Depois a luta para que **até** as mulheres pudessem votar. A cada conquista dessas derrubou-se um tipo de privilégio. O privilégio dos “donos de terras”, o privilégio dos “escolarizados”, o privilégio dos “homens”...

Será que os proprietários de terras bondosamente decidiram abrir mão do privilégio que tinham de serem os únicos a votar para escolha dos governantes? A resposta é **NÃO!** Houve luta. Houve sangue.

Acho triste e engraçado quando ouço alguém dizer que “minha bandeira nunca será vermelha”, quando estamos num contexto em que se trata de defender direitos conquistados com esse sangue vermelho que **todos** temos. Pense bem: você sabe de algum partido político que pretenda mudar as cores da bandeira do Brasil? Com certeza não conhece! Lembre-se: quando estamos lutando por direitos esse **sangue** e essa **cor nos** representam! Lutar contra a Exclusão é todo dia!

Ainda se lembram do *Tiergartenstraße*? Ainda se lembram do **Congresso de Milão**?



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



Estes são momentos em que “acadêmicos”, pesquisadores, cientistas, validaram, com suas ações, decisões de exclusão. E seus discursos foram utilizados pelo Estado para instituir políticas públicas de exclusão.

Pressupostos Básicos

Que **todos** aprendam e superem seus limites.

Um material visual desenvolvido para surdos **será útil para todos**.

Um material tátil desenvolvido para cegos **será útil para todos**.

Um material manipulável ou dinâmico **será útil para todos**.

Um professor deve sempre tomar partido!

Falar em inclusão é fazer uma escolha. Falar em inclusão significa tomar partido.

Tomar partido não significa defender um partido político! Mas tomar partido significa que devemos gritar contra quem aceita ou tenta justificar a tortura! Devemos gritar contra a ideia de que “a porra das árvores” podem queimar...

Um professor pode sonhar?

Penso uma educação que seja para todos. Uma educação que tenha como princípio o **bem comum**. Ninguém deve esperar uma definição do que é um bem comum! A tentativa de dizer o que é o bem comum impõe escolhas e qualquer escolha fará que o bem comum deixe de ser de **todos**. O “bem comum” só existirá *como uma ideia* pela qual **todos** estarão sempre trabalhando, juntos, para tentar alcançá-lo em algum futuro.

Agradeço a oportunidade de compartilhar esse sonho com vocês!